

O conto de fadas de Jacob do Bandolim um ano antes de seu 80º aniversário

Biografia prefere anedotário à riqueza musical do grande instrumentista carioca

Jacob do Bandolim, de Ermelinda Paz. Editora Funarte • 208 páginas • R\$ 16

João Máximo

Choros de Jacob do Bandolim têm sido gravados no Japão, na Venezuela, na França, nos Estados Unidos. A melhor antologia do Jacob intérprete — 43 faixas em dois CDs — tem produção do bandolinista americano Dexter Johnson e ainda não foi lançada no Brasil. Quer dizer: enquanto o produtor José Milton tenta convencer a BMG a caprichar numa caixa dedicada às geniais execuções de um dos maiores instrumentistas do século, a mesma BMG cede os direitos das execuções ao selo Acoustic Disc, da Califórnia. Tudo isso para dizer que, do ponto de vista do grande público, Jacob do Bandolim continua mais disponível e bem estudado lá fora do que em seu próprio país. O que é, no mínimo, imperdoável.

Ele faria 80 anos em 14 de dezembro do ano que vem. Como costuma acontecer em datas redondas, é provável que em sua homenagem sejam produzidos recitais, palestras, programas de televisão e até a caixa de José Milton. É possível até que Jacob ganhe o livro que merece, mais um estudo que uma biografia autorizada, menos um anedotário que um trabalho que nos diga quem foi, realmente, o grande músico Jacob do Bandolim.

A história dos grandes chorões vira conto de fadas

É verdade que um livro sobre ele acaba de chegar às livrarias. Assina-o Ermelinda Paz, da Academia Nacional de Música, professora de música, conferencista, congressista e pesquisadora de música. No entanto, o que menos há no livro é música, ausência de resto comum em biografias de intérpretes e compositores populares brasileiros. Há, sim, farto anedotário, que nos informa ter sido a mulher de Jacob quem deu o primeiro sutiã à filha de Donga, que Jacob colecionava ferramentas, que tirou notas baixas em matemática no curso de contador, que Elena era a filha favorita e que o futuro grande bandolinista teve uma infância sem problemas (se é possível ter uma infância sem problemas o filho de uma polaca da Rua Joaquim Silva). Mas ficamos sem saber como Jacob se tornou o músico que era, como e com quem estudou.

As mais relevantes informações musicais do livro são encontradas em cartas de Jacob a amigos, transcritas em anexo no final do volume. Por ela, sabemos que tanto ele como Sérgio Cabral (futuro biógrafo de Antônio Carlos Jobim) re-

jeitavam a bossa nova, que Jacob punha Adelino Moreira e Ataulfo Alves num mesmo patamar, que admirava — creiam — Ray Conniff e que preferia os uníssonos às terças. Sabemos também que Jacob desmentia outro grande bandolinista, Luperc Miranda, quando este dizia ter sido seu professor. E que reverenciava como a um deus Radamés Gnattali, que para ele escreveu a suíte "Retratos".

Entre outras coisas, o livro vem confirmar a tendência que temos por aqui de transformar em conto de fadas a vida dos nossos artistas em geral e dos chorões em particular. Na base de "as amargas, não", nossos críticos e historiadores já santificaram Pixinguinha e a agora dão início ao processo de canonização de Jacob. Como se suas vidas precisassem ser glamourizadas para que lhes reconheçêssemos o gênio.

Poucos se lembram de que o choro, como bem observa o choro Henrique Cazes, é uma músi-

ca sofisticada feita por homens comuns. Como Pixinguinha e Jacob, pecadores como todos nós.

Achava Jacob — e o livro o registra — que o choro morreria no dia em que ele morresse. Felizmente, a previsão não se confirmou. Excelentes bandolinistas vieram no seu rastro, formaram-se ouvindo seus discos, mantiveram o choro vivo. E tudo isso porque Jacob deixou a mais rica discografia do gênero, verdadeiras aulas para a posteridade. Tal discografia merecia uma análise da autora, professora de música.

É possível notar que Ermelinda Paz não conseguiu escapar ao complexo de inferioridade que permeia certos segmentos da música popular brasileira, o choro principalmente. Os saraus na casa de Jacob eram formidáveis porque Jacob e seus companheiros de tertúlia eram formidáveis, e não porque o violonista Oscar Cáceres ou o pianista Sergei Dorenski os aplaudiam, como se a dar-lhes o aval da música erudita.

Da mesma forma que não foi a aprovação de Leopold Stokowski que fez de Pixinguinha, Pixinguinha. Repetimos *ad nauseam* essas histórias não como dados curiosos de suas biografias, mas como se a dizermos: "Está vindo como o choro é bom? Cáceres, Dorenski e Stokowski gostaram."

Zangado, mal-humorado, mas um coração romântico

O choro, em particular, sempre precisou da aprovação de certas sumidades para se convencer de seus encantos. Jacob não era exceção. Podia armar-se de xenofobia na hora de desancar com a bossa nova, mas um de seus últimos projetos (não realizados) era fazer um trabalho em cima da música erudita, para ele sem pátria. A autora não chama a atenção para o fato de o segredo de Jacob estar — como já observou o maior de seus sucessores, Joel Nascimento — na simplicidade. A maioria de seus choros foi escrita na primeira corda do instrumento, o que os torna acessíveis ao bandolinista de pouca técnica. São simples e ainda assim excepcionalmente bons. É possível que a resistência dos chorões a "Retratos" esteja justamente na sua dificuldade.

Os que mais têm estudado a obra de Jacob do Bandolim acreditam que, no fundo, ele era um romântico. Apesar do que se fala de seu mau humor, do gênio capaz de levá-lo a sacar o revólver numa briga de trânsito. No processo de canonização em que o livro de Ermelinda Paz viaja, perde-se a oportunidade de se tentar desvendar outro de seus mistérios: com pouca educação musical, só tendo estudado para valer depois de "Retratos" (como lia com dificuldade, o músico Chiquinho do Acordeom gravou sua parte e ele a decorou), é mesmo espantoso que Jacob se tenha tornado um instrumentista melhor que um Dorenski e dois Cáceres juntos. ■

Divulgação



JACOB DO BANDOLIM: o grande mestre do choro continua sendo mais bem estudado no exterior do que em seu país